

# CAPÍTULO 1

Série Pesquisa em Educação v. 10

## Introduzindo o Grupo Focal

Bernardete Angelina Gatti

Área 7  
Complementar



Grupo Focal na Pesquisa em Ciências  
Sociais e Humanas

Pasta nº	Cópias
Prof.: Corine	
Disc.: Grupos Focais	
Data: 24/07/08	Visto: [assinatura]

Brasília-DF, 2005

Área 8  
complementar

No âmbito das abordagens qualitativas em pesquisa social, a técnica do grupo focal vem sendo cada vez mais utilizada. Em geral, podemos caracterizar essa técnica como derivada das diferentes formas de trabalho com grupos, amplamente desenvolvidas na psicologia social. Privilegia-se a seleção dos participantes segundo alguns critérios – conforme o problema em estudo –, desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas.

Segundo Powell e Single (1996, p. 449), um grupo focal "é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal". Kitzinger (1994, p. 103) diz que o grupo é "focalizado", no sentido de que envolve algum tipo de atividade coletiva – como assistir a um filme e conversar sobre ele, examinar um texto sobre algum assunto, ou debater um conjunto particular de questões. Lembra a autora que o grupo focal é uma técnica empregada há muito tempo, sendo primeiramente mencionada como técnica de pesquisa em *marketing* nos anos 1920 e usada por R. Merton

nos anos 1950 para estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra. O uso de grupos de discussão como fonte de informação em pesquisa foi comum nos anos 1970 e 1980 em áreas muito particulares, como na pesquisa em comunicação, na avaliação de materiais diversos ou de serviços, em estudos sobre recepção de programas, de televisão ou de filmes, em processos de pesquisa-ação ou pesquisa-intervenção. Mas, de acordo com Kitzinger (1994, p. 104), embora se empregassem grupos para levantamento de dados nesses nichos, essa técnica não se desenvolveu de modo sistemático, como técnica de pesquisa, por um bom tempo, nas ciências sociais em geral. Isso veio a ocorrer próximo ao final do século passado. De fato, houve uma espécie de redescoberta dos grupos focais no início dos anos 1980, momento em que a preocupação em adaptar essa técnica ao uso na investigação científica cresceu.

A utilização do grupo focal, como meio de pesquisa, tem de estar integrado ao corpo geral da pesquisa e a seus objetivos, com atenção às teorizações já existentes e às pretendidas. Ele é um bom instrumento de levantamento de dados para investigações em ciências sociais e humanas, mas a escolha de seu uso tem de ser criteriosa e coerente com os propósitos da pesquisa.

Na condução do grupo focal, é importante o respeito ao princípio da não diretividade, e o facilitador ou moderador da discussão deve cuidar para que o grupo desenvolva a comunicação sem ingerências indevidas da parte dele, como intervenções afirmativas ou negativas, emissão de opiniões particulares, conclusões ou outras formas de intervenção direta. Não se trata, contudo, de uma posição não diretiva absoluta, ou do tipo "*laissez-faire*", por parte do moderador. Este

deverá fazer encaminhamentos quanto ao tema e fazer intervenções que facilitem as trocas, como também procurar manter os objetivos de trabalho do grupo. O que ele não deve é se posicionar, fechar a questão, fazer sínteses, propor idéias, inquirir diretamente. Fazer a discussão fluir entre os participantes é sua função, lembrando que não está realizando uma entrevista com um grupo, mas criando condições para que este se situe, explicita pontos de vista, analise, infira, faça críticas, abra perspectivas diante da problemática para o qual foi convidado a conversar coletivamente. A ênfase recai sobre a interação dentro do grupo e não em perguntas e respostas entre moderador e membros do grupo. A interação que se estabelece e as trocas efetivadas serão estudadas pelo pesquisador em função de seus objetivos. Há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam.

Segundo Morgan e Krueger (1993), a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar. No uso da observação, depende-se da espera que coisas aconteçam, e o tempo para isso pode ser bem estendido. Comparado à observação, um grupo focal permite ao pesquisador conseguir boa quantidade de informação em um período de tempo mais curto. O tema e o roteiro das



questões ajudam nisso. Comparado à entrevista individual, ganha-se em relação à captação de processos e conteúdos cognitivos, emocionais, ideológicos, representacionais, mais coletivos, portanto, e menos idiossincráticos e individualizados. Quanto ao uso de questionários, o grupo focal, ao propiciar a exposição ampla de idéias e perspectivas, permite trazer à tona respostas mais completas e possibilita também verificar a lógica ou as representações que conduzem à resposta.

Conforme os autores antes citados, os grupos focais são particularmente úteis nos estudos em que há diferenças de poder entre os participantes e decisores ou especialistas, em que há interesse pelo uso cotidiano da linguagem e da cultura de um grupo particular, e quando se quer explorar o grau de consenso sobre um certo tópico. Poderíamos acrescentar: quando se quer compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições.

Kitzinger (1994, p. 116) assinala alguns aspectos importantes trazidos pelas interações ocorridas nos grupos focais. Segundo a autora, por meio delas, podemos:

- clarear atitudes, prioridades, linguagem e referenciais de compreensão dos participantes;
- encorajar uma grande variedade de comunicações entre os membros do grupo, incidindo em variados processos e formas de compreensão;
- ajudar a identificar as normas do grupo;
- oferecer *insight* sobre a relação entre funcionamento do grupo e processos sociais na articulação de informação (por exemplo, mediante o exame de qual informação é censurada ou silenciada no grupo);

- encorajar uma conversação aberta sobre tópicos embaraçosos para as pessoas;
- facilitar a expressão de idéias e de experiências que podem ficar pouco desenvolvidas em entrevista individual.

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de idéias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.

Os grupos focais podem ser empregados em processos de pesquisa social ou em processos de avaliação, especialmente nas avaliações de impacto, sendo o procedimento mais usual utilizar vários grupos focais para uma mesma investigação, para dar cobertura a variados fatores que podem ser intervenientes na questão a ser examinada.

Essa técnica é empregada com várias finalidades, em contextos diversificados e para análise de múltiplas questões, na dependência do problema que cada pesquisador se propõe. Além de constituir-se no elemento central de uma investigação, é utilizável em outras condições. Pode ser empregada em estudos

exploratórios, ou nas fases preliminares de uma pesquisa, para apoiar a construção de outros instrumentos (questionários, roteiros de entrevista ou observação); para a fundamentação de hipóteses ou a verificação de tendências; para testar idéias, planos, materiais, propostas. Pode ser usada para a busca de aperfeiçoamento e de aprofundamento da compreensão, a partir de dados provenientes de outras técnicas, ou para orientar posteriormente o planejamento de um estudo em larga escala com outros instrumentos. É uma técnica de levantamento de dados muito rica para capturar formas de linguagem, expressões e tipos de comentários de determinado segmento, o que pode ser fundamental para a realização de estudos posteriores mais amplos, com o emprego de entrevistas e questionários.

Os grupos focais podem ser úteis em análises por triangulação ou para a validação de dados, ou podem ser empregados depois de processos de intervenção, para o estudo do impacto destes, ou, ainda, para gerar novas perspectivas de futuros estudos.

Com todas essas possibilidades, no entanto, é uma técnica que tem limites em termos de certas generalizações, em função do pequeno número de participantes e da forma de seleção desses participantes.

Por ser uma técnica de levantamento de dados que se produz pela dinâmica interacional de um grupo de pessoas, com um facilitador, seu emprego exige alguns cuidados metodológicos e certa formação do facilitador em trabalhos com grupos. O foco no assunto em pauta deve ser mantido, porém criando-se um clima aberto às discussões, o mais possível livre de ameaças palpáveis. Os participantes precisam sentir confiança para expressar suas opiniões e envolver-se pelos ângulos que quiserem, em uma participação ativa.

Com esses procedimentos, é possível reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, com certo detalhamento e profundidade, não havendo necessidade de preparação prévia dos participantes quanto ao assunto, pois o que se quer é levantar aspectos da questão em pauta considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas.

O trabalho com grupos focais oferece boa oportunidade para o desenvolvimento de teorias em campo, a partir do ocorrido e do falado. Ele se presta muito para a geração de teorias exploratórias até mais do que para a verificação ou teste de hipóteses prévias. Não que não possa ser usado para essa verificação. Porém a riqueza do que emerge "a quente" na interação grupal, em geral, extrapola em muito as idéias prévias, surpreende, coloca novas categorias e formas de entendimento, que dão suporte a inferências novas e proveitosas relacionadas com o problema em exame.

Embora alguns critérios pautem o convite às pessoas para participar do grupo, sua adesão deve ser voluntária. O convite deve ser motivador, de modo que os que aderirem ao trabalho estejam sensibilizados tanto para o processo como para o tema geral a ser tratado, ou seja, a atividade no grupo focal deve ser atraente para os participantes, por isso, preservar sua liberdade de adesão é fundamental. A participação num processo de grupo focal também pode propiciar um momento de desenvolvimento para os participantes, tanto nos aspectos comunicacionais, como nos cognitivos e afetivos.

A escolha da técnica do grupo focal para um trabalho de pesquisa deve orientar-se pela aderência



da técnica aos objetivos do estudo e a relevância dos dados que com ela se pode obter para o problema de pesquisa.

Alguns pontos podem ser considerados sobre a questão de quando utilizar o grupo focal em uma pesquisa. A técnica é muito útil quando se está interessado em compreender as diferenças existentes em perspectivas, idéias, sentimentos, representações, valores e comportamentos de grupos diferenciados de pessoas, bem como compreender os fatores que os influenciam, as motivações que subsidiam as opções, os porquês de determinados posicionamentos. O trabalho com o grupo focal pode trazer bons esclarecimentos em relação a situações complexas, polêmicas, contraditórias, ou a questões difíceis de serem abordadas em função de autoritarismos, preconceitos, rejeição ou de sentimentos de angústia ou medo de retaliações; ajuda a ir além das respostas simplistas ou simplificadas, além das racionalizações típicas e dos esquemas explicativos superficiais. O grupo tem uma sinergia própria, que faz emergir idéias diferentes das opiniões particulares. Há uma reelaboração de questões que é própria do trabalho particular do grupo mediante as trocas, os reassuramentos mútuos, os consensos, os dissensos, e que trazem luz sobre aspectos não detectáveis ou não reveláveis em outras condições.

Por outro lado, há situações em que não se deve empregar o grupo focal. Krueger e Casey (2000, p. 25) citam exemplos tais como quando se deseja que as pessoas cheguem necessariamente a um consenso, quando se quer que o grupo seja educativo, ou quando se buscam informações delicadas que não podem ser partilhadas no grupo, ou que podem ser ofensivas a alguém dele. Não se deve usar o grupo focal quando

o ambiente está emocionalmente carregado, pois a discussão em grupo pode intensificar os conflitos e também não se deve empregá-lo quando existem outras metodologias que podem trazer melhores informações sobre o problema em estudo e, sobretudo, quando não se puder assegurar certa confidencialidade das informações fora do grupo.

No Brasil, a área de saúde é, até aqui, a que tem utilizado com maior frequência os grupos focais em trabalhos de pesquisa e de avaliação, mas essa técnica vem tendo seu uso ampliado em vários outros campos, como os da psicologia, da educação, do serviço social, da sociologia.

## CAPÍTULO 2

### Organização e Desenvolvimento do Trabalho com Grupos Focais

Como técnica de pesquisa, um grupo focal tem sua constituição e desenvolvimento em função do problema da pesquisa. O problema precisa estar claramente exposto, e a questão ou questões a serem levadas ao grupo para discussão dele decorrem. Nesse sentido, há certo grau de teorização sobre o tema em foco, que o pesquisador deve ter elaborado para seus propósitos. Essa teorização permite que o pesquisador levante questões relevantes e contextualizadas, bem como orienta a construção de um roteiro preliminar de trabalho com o grupo: o que se vai solicitar dele, tendo claro o que se está buscando compreender.

O roteiro elaborado como forma de orientar e estimular a discussão deve ser utilizado com flexibilidade, de modo que ajustes durante o decorrer do trabalho podem ser feitos, com abordagem de tópicos não previstos, ou deixando-se de lado esta ou aquela questão do roteiro, em função do processo interativo concretizado. O próprio processo grupal deve ser flexível, embora sem perder de vista os objetivos da pesquisa.

#### 2.1 A composição do grupo

O grupo será composto a partir de alguns critérios associados à metas da pesquisa. Deve ter uma



composição que se baseie em algumas características homogêneas dos participantes, mas com suficiente variação entre eles para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes. Por homogeneidade, entende-se aqui alguma característica comum aos participantes que interesse ao estudo do problema. A característica comum pode ser relativa a gênero, à idade, às condições socioeconômicas, ao tipo de trabalho, ao estado civil, ao lugar de residência, à frequência de uso de certo serviço público ou social, à escolaridade, ou outra. Por exemplo, pode-se ter a necessidade para um dado estudo, de compor um grupo só de mulheres com pouca ou alta escolaridade, mas com diferentes idades; ou de homens e mulheres de uma dada faixa etária e com o mesmo tipo de trabalho; ou de adolescentes estudantes de vários níveis socioeconômicos; ou um grupo bem heterogêneo em idade, mas de mesma condição social; funcionários de um mesmo setor do serviço público; funcionários administrativos de uma empresa; operadores de determinado serviço; professores de certo nível de ensino, etc.

A escolha das variáveis a serem consideradas na composição do grupo depende, então, do problema da pesquisa, do escopo teórico em que ele se situa e para quem se realiza o trabalho. Então, o objetivo do estudo é o primeiro referencial para a decisão de quais pessoas serão convidadas a participar. Ligado aos objetivos, é preciso considerar o que se sabe sobre o conjunto social visado, uma vez que algum traço comum entre os participantes deverá existir, estando isto na base do trabalho com o grupo focal. Ao lado dessa "comunalidade", o conhecimento sobre o conjunto social visado permite escolher se algum tipo de variação entre os membros do grupo seria desejável

ou relevante para a pesquisa. Por exemplo, selecionar pessoas solteiras que moram sozinhas, de condição social média alta, mas em várias faixas etárias. Escolher professoras de educação infantil, da mesma faixa etária, mas algumas com formação em nível médio e outras com nível superior. Outro exemplo: selecionar adolescentes na faixa de 14 anos, sendo alguns moradores de bairros centrais da cidade, outros, de bairros afastados, em ambos os casos contemplando os sexos masculino e feminino. Pode-se necessitar, conforme o problema em estudo, de um grupo o mais homogêneo possível: adolescentes de 13 anos, do sexo masculino, que morem num bairro de classe média. Nessas escolhas, o conhecimento e o julgamento do pesquisador é que irão balizar a composição do grupo.

Quando se vai trabalhar com mais de um grupo, a composição deles pode contemplar a combinação homogeneidade/variação em todos os grupos, ou a homogeneidade intragrupo e a heterogeneidade entre os grupos, segundo alguns critérios. Para esse caso, um exemplo seria trabalhar com adolescentes de 13 anos, compondo um grupo que more em bairros centrais, e outro que more em bairros periféricos; ou compor um grupo só de meninas, outro só de meninos, ambos de bairros periféricos; compor grupos de adolescentes de 13 anos, do sexo feminino, em cada uma das regiões da cidade.

Lembremos que a homogeneidade do grupo segundo alguma ou algumas características está relacionada aos propósitos da análise; por outro lado, ela propicia uma facilitação para o desenvolvimento da comunicação intragrupo. Algumas combinações de tipos de pessoas podem não facilitar o fluxo da interação em função, entre outros fatores, de

limitações no entendimento de estilos de vida muito diferentes, com valores muito diversos, ou de vivências de situações muito opostas. Isso pode gerar inibições ou deferências em relação aos que são percebidos ou como mais experientes, ou como mais sabidos, ou com nível mais alto de escolaridade. Também conflitos podem se instalar, anulando mesmo a possibilidade de troca.

Tanaka e Melo (2001) argumentam que é importante selecionar grupos nos quais se presume que as pessoas tenham diferentes opiniões em relação às questões que serão abordadas.

Com essas escolhas sobre quem serão os componentes do grupo, ou dos grupos, os limites da pesquisa, em relação a seus resultados, estarão sendo postos.

Krueger e Casey (2000, p. 73) assinalam que em certas condições pode não ser muito produtivo misturar gêneros no grupo, porque os homens têm a tendência a falar com mais frequência e com mais autoridade quando há mulheres no grupo – efeito do "galo" –, e isso pode irritá-las e trazer reações que podem prejudicar a direção do trabalho em relação aos objetivos visados, seja porque se calam, seja porque emergem conflitos que levam a outras questões longe dos objetivos do trabalho em grupo. Os autores lembram, também, que é preciso ponderar muito sobre a inclusão de marido e mulher num mesmo grupo, citando como exemplo uma situação em que eles se encontraram num trabalho de grupo focal com quatro casais, no qual, portanto, haveria oito participantes, mas o que acabou acontecendo foi uma discussão entre quatro pessoas (os maridos) com quatro parceiras quase mudas.

Enfatiza-se que é preciso pensar na análise pretendida quando se vai compor o grupo. Quando se quer comparar e contrastar diferentes expressões e pontos de vista, muitas vezes convém separar os diferentes tipos de pessoas que serão envolvidos em diferentes grupos. Krueger e Casey (2000) dizem, por exemplo, que é mais fácil analisar diferenças entre usuários e não usuários de um certo serviço quando eles estão em grupos separados do que quando estão misturados no mesmo grupo. Também lembram que é uma falácia assumir que uma pessoa em particular pode representar, por exemplo, sua vizinhança, sua condição de cor, de gênero ou de cultura. Por isso, se se quer capturar a opinião de determinado grupo social de referência, será necessário realizar um número suficiente de grupos focais com aquela categoria particular de pessoas.

Encontra-se na literatura a recomendação para não se juntar no mesmo grupo pessoas que se conhecem muito, ou que conheçam o moderador do grupo. Quando os participantes se conhecem, podem vir a atuar em bloco e formar subgrupos de controle que monopolizam ou paralisam a discussão, o que prejudica a interação mais livre. O conhecimento mútuo pode inibir manifestações e coibir a espontaneidade entre os que se conhecem, ou esse subgrupo pode atuar inibindo a participação de outros integrantes do grupo, tirando a possibilidade de aparecimento da multiplicidade de idéias e a manifestação de valores diferentes. O conhecimento do moderador por um ou vários membros pode eliciar comportamentos de cumplicidade, ou de uso de poder, de contenção na participação, ou de desconfiança por parte dos demais. Alguns autores recomendam que pessoas que já participaram de



outro grupo focal não sejam incluídos novamente, uma vez que conhecem o processo e podem vir com preparação prévia, com idéias preconcebidas. Porém, na literatura, encontram-se trabalhos com grupos preexistentes, justificados por razões ligadas aos objetivos da pesquisa ou por algum motivo de facilitação do desencadeamento do grupo focal. São trabalhos em que a formação do moderador e sua experiência com grupos focais merecem atenção especial.

Visando abordar questões em maior profundidade, pela interação grupal, cada grupo focal não pode ser grande, mas também não pode ser excessivamente pequeno, ficando sua dimensão preferencialmente entre seis a 12 pessoas. Em geral, para projetos de pesquisa, o ideal é não trabalhar com mais de dez participantes. Grupos maiores limitam a participação, as oportunidades de trocas de idéias e elaborações, o aprofundamento no tratamento do tema e também os registros.

O emprego de mais de um grupo permite ampliar o foco de análise e cobrir variadas condições que possam ser intervenientes e relevantes para o tema. O número de grupos nesse caso depende do planejamento do estudo em relação à cobertura de variados tipos de participantes necessários a ela. A decisão sobre a quantidade de grupos a serem utilizados deve levar em conta a homogeneidade/heterogeneidade da população-alvo em relação ao objeto da pesquisa e os objetivos desta. O número de grupos dependerá também do número de membros da equipe envolvida no trabalho, ou ainda das possibilidades do apoio financeiro recebido.

Para fixar quantos grupos focais conduzir, é comum utilizar como procedimento a realização de

três ou quatro grupos e, então, verificar a quantidade e o nível de informações obtidas para a questão em estudo. Se as informações forem consideradas suficientes, não se compõem outros grupos. Essa suficiência depende das pretensões dos pesquisadores e do estudo, mas ela é admitida quando se julga que já se obteve o conjunto de idéias necessário para a compreensão do problema e se julga muito provável que novas idéias não aparecerão.

Não se recomenda dar aos participantes informações detalhadas sobre o objeto da pesquisa. Eles devem ser informados de modo vago sobre o tema da discussão para que não venham com idéias pré-formadas ou com sua participação preparada. Saber com antecedência precisamente o que se vai discutir – por exemplo, as questões que o moderador irá colocar, ou o roteiro – propicia a formação de opiniões prévias que podem interferir nas discussões.

Ponto muito importante a ser considerado é que, mesmo com adesão voluntária e tendo os pesquisadores motivado os potenciais participantes ao fazer-lhes o convite, é muito comum ocorrerem ausências de última hora. Isso deve estar no horizonte dos pesquisadores que precisam fazer um trabalho cuidadoso para obter boa adesão dos convidados a participar do grupo focal. Realmente, as decisões sobre a composição dos grupos, a forma de convite, a motivação e a adesão dos participantes desejados constituem um trabalho bastante delicado, e os pesquisadores estarão conscientes de que ausências de último momento são muito comuns, e que é preciso lidar com essa situação, procurando não prejudicar o atendimento dos objetivos da pesquisa, mediante rearranjos que garantam isso.

## 2.2 Local das sessões e registro das interações

O local dos encontros deve favorecer a interação entre os participantes. Pode-se trabalhar em cadeiras avulsas, em círculo, ou em volta de uma mesa. Os participantes devem se encontrar face a face para que sua interlocução seja direta. Como os participantes permanecerão um tempo razoável em reunião, certo conforto é necessário. Para facilitar, de início, o reconhecimento entre os participantes, pode-se providenciar um crachá com o nome de cada um. Alguns autores julgam que se oferece condição de trabalho mais adequada quando o desenvolvimento do grupo focal se faz em torno de uma mesa, qualquer que seja seu formato. Essa disposição propicia maior conforto aos participantes e pode facilitar as diferentes formas de registro, permitindo melhor arranjo para as anotações e as gravações em áudio ou vídeo.

Há várias maneiras de se registrar as interações. Uma delas é o emprego de um ou dois relatores, que não interferem no grupo e fazem anotação cursiva do que se passa e do que se fala. Uma checagem depois da sessão deve ser feita de imediato entre relator(es) e moderador. Não se consegue registrar exatamente tudo; por isso, dois anotadores podem ser úteis, para complementar as anotações. Pode-se propor o registro mais específico de partes da sessão, escolhendo-se os momentos em função dos objetivos visados. Por isso, a formação e a preparação dos relatores é muito importante.

O meio mais usado para se registrar o trabalho com um grupo focal é a gravação em áudio; por isso, a escolha do lugar de realização do grupo deve ser cuidadosa, de forma a permitir que a gravação possa ser feita com sucesso. Em geral, utilizam-se

dois gravadores, dispostos adequadamente em relação à distribuição dos membros do grupo no ambiente, para cobrir ao máximo as participações e se obter uma gravação mais nítida e abrangente. É bom dispor de um gravador reserva, para o caso de algum dos outros apresentar algum problema técnico durante o trabalho do grupo.

Cuidados para que uma boa gravação seja garantida são essenciais. Por isso, a forma de gravação deve ser cuidadosamente testada, e todos os aspectos técnicos devem ser previstos e assegurados para obter-se um bom registro. Deve-se cuidar da qualidade dos microfones e dos aparelhos de gravação, com verificações anteriores e testes, alguns momentos antes de o grupo começar as atividades. A preparação da gravação deve ser objeto de tratamento especial, porque, se não se obtiver falas audíveis, todo o trabalho de elaboração do projeto, de constituição e adesão do grupo, estudo de roteiro, etc., estará perdido. Ou seja, não haverá material suficiente ou confiável para as análises.

Outro meio de registro é o videoteipe, cuja utilização é muito discutível por ser um meio bastante intrusivo. Para garantia do sigilo quanto às participações, é um meio bem problemático. Considere-se, também, que as tomadas em vídeo são, no mais das vezes, feitas com uma só câmera, em planos gerais que abrangem o grupo como um todo e, devido a isso, podem apresentar baixa qualidade de áudio. Há, nessas condições, dificuldades técnicas relativas à obtenção de *closes*, de expressões corporais que exigem mais de uma câmera, etc., perdendo-se o todo. Há laboratórios de pesquisa em ciências humanas e sociais que dispõem de salas especiais para



tomadas em vídeo, com várias câmeras e operadores, com iluminação e captação de som bem programadas. Porém, a maioria dos pesquisadores não dispõe dessas condições.

Morgan (1997) discute bem essas questões ligadas aos registros, chamando a atenção para o que se ganha ou se perde pelas escolhas feitas. Há depoimentos de pesquisadores experientes sobre o trabalho com grupos focais, segundo os quais as pessoas tendem a se sentir mais à vontade com a gravação em áudio do que em vídeo. Neste, há uma exposição por inteiro, rostos, gestos, palavras estão lá, associados. A questão da própria imagem, da exposição dos participantes, dos riscos de ruptura da confidencialidade, cria certo desconforto. Nem sempre os pesquisadores, do alto de sua autoridade, ou altamente imbuídos de suas necessidades e interesses, ou por credulidade, estão sensíveis a isso. No entanto, o estar mais à vontade com certo meio de registro em pesquisa é fator de maior descontração por parte dos participantes, e isso é muito importante para o desenvolvimento dos trabalhos no grupo focal como técnica de investigação.

Deve-se observar, ainda, que, nem sempre, o vídeo, mesmo que obtido com sofisticação técnica, consegue reproduzir a "dinâmica do grupo". Há um certo congelamento associado à reprodução. Não são raros os desapontamentos de pesquisadores sociais com o que se obtém nas filmagens em vídeo, as quais nem sempre dão conta das expectativas criadas. Claro que a gravação em vídeo tem suas qualidades; por exemplo, a possibilidade de verificação imediata de quem está falando, ou quem está falando com quem, ou pode trazer à lembrança, a partir de imagens, algumas emoções que estiveram presentes em um dado momento, ou evocar o clima entre os participantes, etc.

Cada grupo é peculiar e a aceitação ou não, as reações mais leves ou mais fortes, manifestas ou não, em relação a este ou aquele meio de registro, devem ser consideradas de modo bem ponderado pelos pesquisadores. Por isso, é importante discutir abertamente a questão com o grupo antes do trabalho, o que pode ser feito no convite ou na abertura, ou em ambos os momentos.

Mesmo com as gravações, recomenda-se que se façam anotações escritas, que se mostram essenciais para auxiliar as análises. Essas anotações podem ser feitas pelo moderador, mas é preferível que seja realizada por um assistente, ou por ambos. Elas serão úteis para sinalizar aspectos ou momentos importantes, falas significativas detectadas no instante mesmo, na vivência do momento, para registrar trocas e monólogos, dispersões, distrações, cochichos, alianças, oposições, etc., ou seja, pontos cuja importância pode passar despercebida no registro geral.

Alguns pesquisadores, dependendo do propósito do estudo e do desenrolar do grupo, aplicam aos participantes um questionário sobre os aspectos da discussão, visando suplementar a coleta das interações grupais. O uso de um questionário e o momento de seu emprego precisam ser bem pensados, pois, se aplicado antes do término do trabalho, pode gerar interferência nas opiniões a serem exaradas no grupo, ou, se aplicado depois, as respostas podem sofrer interferência de eventos ocorridos especificamente no grupo. Essa última condição é mais tranquila de se lidar, uma vez que as respostas podem ser confrontadas com as falas e situações grupais.

A coleta de alguns poucos itens sobre as características dos participantes pode ajudar a precisar

melhor quem são as pessoas que participaram, ao cobrir outros aspectos relacionados com os que foram utilizados como base para a composição do grupo.

A coleta dos dados deve permitir retratar caminhos de construção e de valoração de idéias no grupo, logo depois do final de cada sessão ou do grupo, se não houve interrupções. Por isso, é importante ter anotações de campo, gravações, transcrições cuidadosas, sumários feitos oralmente com o próprio grupo, revisões feitas com o moderador e com os pesquisadores envolvidos.

### 2.3 O moderador e o desenvolvimento do processo grupal

O tempo de duração de cada reunião grupal e o número de sessões a serem realizadas dependem da natureza do problema em pauta, do estilo de funcionamento que o grupo construirá e da avaliação do pesquisador sobre a suficiência da discussão quanto aos seus objetivos. Alguns autores recomendam que os encontros durem entre uma hora e meia e não mais do que três horas, sendo que, em geral, com uma ou duas sessões se obtêm as informações necessárias a uma boa análise. Há grupos que demandam mais sessões, porque, em função das características dos participantes, pode haver necessidade de mais contatos para se produzir uma subcultura grupal.

A abertura do grupo é um momento crucial para a criação de condições favoráveis à participação de todos os componentes. Precisa-se criar uma situação de conforto, de certo distensionamento, para gerar uma atmosfera permissiva. Nos primeiros momentos,

o moderador deve oferecer informações que deixem os participantes à vontade, sabendo o que deles se espera, qual será a rotina da reunião e a duração do encontro. O moderador faz uma breve auto-apresentação e pode solicitar aos demais participantes que façam o mesmo. Os objetivos do encontro devem ser explicados, como também o porquê da escolha dos participantes. A forma de registro do trabalho conjunto deve ser explicitada, e a obtenção da anuência dos participantes quanto a ela é imprescindível. A garantia do sigilo dos registros e dos nomes dos participantes precisa ser dada e enfatizada. Nesses primeiros momentos, deixa-se claro que todas as idéias e opiniões interessam, que não há certo ou errado, bom ou mau argumento ou posicionamento, que se espera mesmo que surjam diferentes pontos de vista, que não se está em busca de consensos. Os participantes devem sentir-se livres para compartilhar seus pontos de vista, mesmo que diverjam do que os outros disseram. A discussão é totalmente aberta em torno da questão proposta, e todo e qualquer tipo de reflexão e contribuição é importante para a pesquisa.

Nesses primeiros momentos, é útil lembrar que a conversa é entre eles e que não precisam atuar como se estivessem respondendo ao moderador todo o tempo. O trabalho não se caracteriza como entrevista coletiva, mas, sim, como proposta de troca efetiva entre os participantes. O moderador deve explicitar seu papel, que é o de introduzir o assunto, propor algumas questões, ouvir, procurando garantir, de um lado, que os participantes não se afastem muito do tema e, de outro, que todos tenham a oportunidade de se



expressar, de participar. Quando a gravação for em áudio, pode-se solicitar aos participantes que procurem falar cada um na sua vez, claramente, para permitir boa gravação.

Embora essas observações sobre o início do trabalho pareçam extensas, elas podem ser feitas em alguns minutos, se se planejar bem a introdução. É preciso passar as informações necessárias e básicas, sem se estender em demasia, porque podem ser criadas expectativas no grupo de que o moderador estará dizendo o tempo todo o que ele deve fazer, quando e como. Ao contrário, o que se quer é que os participantes do grupo se sintam responsáveis por criar e sustentar sua própria discussão.

Para se entrar no tema, um "aquecimento" interessante é propor que cada um dos participantes faça um comentário geral sobre o assunto; a partir daí, a troca entre os membros do grupo passa a se efetivar. Essa forma de abertura ajuda a "quebrar o gelo" entre os participantes, além de propiciar a enunciação de variados pontos de vista e a chamada ao diálogo. A questão com que se inicia o trabalho deve ser do interesse de todos e apresentar facilidade de resposta para os participantes, criando um bom clima para o grupo. Ela está assentada nas características comuns dos membros do grupo e, se for genérica, pode encorajar opiniões mais abertas e propiciar, de início, a vivência com opiniões e experiências diferentes. Algum consenso pode aparecer, mas, se aparecerem as divergências, o grupo estará iniciando seu trato com dissensos, sem traumas. O moderador, num momento adequado da introdução, pode propor algum tópico mais específico, previsto em seu roteiro, e iniciar o aprofundamento da discussão.

Outras possibilidades existem para começar o trabalho com o grupo. Morgan (1997, p. 50) sugere que um dos caminhos para assegurar um pouco mais de tranquilidade, nesse início de processo, é pedir às pessoas para que usem uns poucos minutos para fazer anotações pessoais sobre a questão inicial, antes de se posicionar diante do grupo. Isso pode, segundo o autor, reforçar o compromisso de contribuir com o grupo, mesmo diante da perspectiva de possíveis opiniões divergentes. Essa proposta oferece ao moderador uma base para solicitar a manifestação dos que, porventura, não se manifestarem nesse início. O autor considera que esse tipo de abertura do grupo produz evidência direta do grau de consenso ou de divergência dentro dele, o que é importante não só para as análises posteriores, como para a tarefa imediata de levar avante as discussões subseqüentes. Por outro lado, se emergir aqui certo consenso, o material das falas oferece, tanto para os participantes, como para o moderador, pontos de referência para testar a força ou a fraqueza do consenso tal como apareceu.

Os primeiros momentos do grupo focal podem ser a chave do sucesso do trabalho. Assinale-se que, se o moderador for muito informal e cheio de brincadeiras, isso pode levar o grupo a não tomar muito a sério a discussão. Se for excessivamente formal e rígido, distante, pode impedir que o grupo se sinta à vontade para desenvolver as discussões e reprimir a interação entre os participantes.

Para a continuidade da discussão, é interessante partir do que foi dito no início do grupo. Morgan (1997, p. 51), de modo prático, sugere que essa passagem para o primeiro tópico mais específico do roteiro pode ser feita com uma observação do tipo: "Uma coisa que ouvi alguns de vocês colocarem é

que... Eu me pergunto o que os demais teriam a dizer sobre isto?" Ou, caso o primeiro tópico do roteiro não tenha sido afluído na abertura: "Uma coisa que me surpreendeu é que ninguém mencionou nada sobre... Isso é importante ou não?"

Expressões do moderador como "Lembro que..., então, ....?" ajudam a dar um sentido de continuidade ao trabalho e a manter o grupo no tema. Enfim, a experiência do moderador no trato com grupos lhe dará condições de encontrar meios e expressões que facilitem a dinâmica interativa entre os participantes no âmbito da temática em foco.

Há, pois, várias formas de relacionar o que foi apresentado no início com os primeiros passos para o aprofundamento do tema, e é importante que, ao longo da interação grupal, o moderador faça ligações entre as seqüências, lembrando aspectos expostos anteriormente, que podem levar o grupo a abordar outro tópico importante do roteiro.

Cabe considerar que a elaboração do roteiro para o trabalho com o grupo focal tem que ser muito cuidadosa, dentro dos propósitos da pesquisa. No entanto, pode ocorrer que, durante o processo de discussão, um ou outro tópico previsto para um momento posterior venha a ser tratado de modo suficiente antecipadamente. Pode-se deixar correr a discussão, caso ela esteja avançando bem, ou pode-se dizer ao grupo que este ou aquele tópico virá a ser tratado depois, pedindo-se aos participantes para retomar as idéias sobre o assunto anterior em pauta. Flexibilidade é imprescindível. Pode ocorrer que algum ou alguns tópicos não mereçam muita atenção do grupo, que não se motiva em tratá-los detalhadamente. O moderador deve ser sensível ao fato e não forçar o grupo, uma vez que isso pode significar

que talvez o roteiro não tenha se adequado muito bem ao assunto tal como abordado pelo grupo. Por outro lado, podem aparecer tópicos que se mostram relevantes para os participantes e para o problema, mas que não constam do roteiro do pesquisador. Esses tópicos são importantes, pois acrescentam aspectos novos à teorização prévia da pesquisa.

Jenny Kitzinger (1994, p. 106), num estudo em que aborda o trabalho com o grupo focal como meio de pesquisa, considera essa técnica um fórum no qual as idéias podem ser clareadas e não um evento "natural", "espontâneo". A autora propõe que se trabalhe com essa técnica de forma que, no início, haja um mínimo de intervenção do moderador, o que permite a este se situar em relação à dinâmica do grupo, por um lado, e, por outro, permite ao grupo escolher suas prioridades em face do assunto a ser tratado e das questões postas. No entanto, o pesquisador, o moderador, não deve ser passivo. Para maximizar a interação entre os participantes, é relevante que se caminhe aos poucos, no sentido de o moderador, na seqüência do trabalho, atuar um pouco mais, "estimulando o debate em pontos onde, de outra maneira, ele teria terminado, desafiando os participantes em questões tidas como certas e dadas e encorajando-os a discutir as inconsistências dos argumentos dos participantes ou de um participante".

Os grupos são imprevisíveis em seus comportamentos, havendo grupos que se engajam rapidamente no trabalho e nos quais a discussão flui com entusiasmo, enquanto há outros grupos mostram-se reticentes, cautelosos. Há grupos compostos por pessoas que não estão habituadas a participar de reuniões e que têm muita dificuldade em expressar o que pensam em uma situação como a do grupo focal.



Quando esse é o caso, expressões monossilábicas afloram aqui e ali, permeadas por silêncios e certo constrangimento. Isso também pode ocorrer quando os membros têm receio de algum comprometimento, ou estão inseguros quanto à confidencialidade da discussão. O moderador deve preparar-se para esse tipo de situação e ter habilidade para facilitar a conversa, quer mediante proposições que faz ao grupo, quer sugerindo alguma atividade que possa quebrar o constrangimento e que seja mobilizadora.

Durante o trabalho, há mudanças no tônus da discussão; por exemplo, de um momento acalorado, passa-se ao silêncio ou a expressões cautelosas, ou aparecem falas que se desviam do assunto. Essas ocorrências são esperadas, e cabe ao moderador conduzir o grupo com tranqüilidade e consistência em sua forma de atuação.

Quando, em função dos objetivos da pesquisa, o grupo vai se aproximando de seu final, é importante informá-lo sobre isso, pois ajuda os membros a equacionar suas últimas participações, e o moderador pode também solicitar que cada um faça uma observação final, caso julgue necessário ou conveniente em função do processo grupal.

Segundo Pizzol (2003, p. 9), a função do moderador inclui, entre outras ações, manter produtiva a discussão, garantir que todos os participantes exponham suas idéias, impedir a dispersão da questão em foco e evitar a monopolização da discussão por um dos participantes. O moderador nunca deve expor suas opiniões ou criticar os comentários dos participantes. A ele cabe, ainda, certo controle tanto sobre o tempo de uso da palavra pelos participantes quanto sobre o tempo de tratamento de cada tópico que venha a ser abordado,

além do tempo geral de discussão em grupo. As metas da pesquisa deverão ser constantemente consideradas pelo moderador e orientá-lo em suas eventuais intervenções.

O moderador de um grupo focal deve ser bem escolhido. Pode ser o próprio pesquisador ou outro profissional, porém precisa ser experiente, hábil, ter clareza de expressão, ser sensível, flexível e capaz de conduzir o grupo com segurança, lidando competentemente com as relações e interações que se desenvolvem e as situações que se criam no grupo em função das discussões. Precisa ser um profissional capaz de despertar confiança e de gerar empatia, para conduzir com habilidade o grupo na direção dos objetivos da pesquisa, sem criar situações embaraçosas.

As condições acima referidas quanto ao moderador do grupo focal são básicas, mas a concretização do papel dele está vinculada também ao tema em pauta, ao tipo de informação que se deseja obter e às características dos componentes do grupo. Esses três elementos conjugados podem levar a uma atuação menos ou mais estruturante por parte do moderador. Em geral, tratando-se de processo integrado a uma pesquisa, a condução menos estruturada, menos diretiva, parece favorecer a emergência de falas mais densas em relação ao problema, permitindo análises e teorizações mais profícuas. A atuação menos diretiva do moderador com o grupo demanda maior cuidado com suas formas de intervenção, maior habilidade e sensibilidade de sua parte do que quando a atuação é programada, com roteiro fechado, e em que se vai conduzir todo o processo grupal na forma delineada, cumprindo todos os tópicos previamente fixados. Entretanto, a condução do grupo, com intervenção moderada, menos diretiva, não implica que se deixe

o grupo perder o foco da pesquisa, nem que aspectos importantes não sejam trazidos pelo moderador, caso o grupo não os aborde. Algumas "chamadas" podem ser feitas, de modo adequado, ao longo do trabalho conjunto, e o moderador, desde o início, deve deixar clara a responsabilidade do próprio grupo em gerenciar a discussão. Pode estimular os membros do grupo a proporem questões uns aos outros ou a se interessarem em ouvir relatos de experiências, etc. De qualquer forma, os grupos têm um potencial grande de autogestão, e alguns participantes podem agir envolvendo outros que são menos participantes, outros podem prover ajuda para superar embaraços na abordagem de algum tópico, ou fazer observações para se voltar ao foco ou evitar conversas paralelas, dar suporte e promover encorajamentos para a expressão de sentimentos, etc. Isso não quer dizer que o grupo não "patine," ou não venha a cair no silêncio, necessitando, então, de algum envolvimento do moderador.

Há pesquisadores que, ao final do trabalho com o grupo focal, aplicam um pequeno questionário propiciando a exposição individual de cada participante por escrito. Outros dão oportunidade aos que queiram, de conversar em particular com o pesquisador/moderador, ou, ainda, de registrar, sem identificação, comentários específicos próprios depois de terminada a sessão grupal.

Vários autores consideram que se podem usar algumas técnicas de animação de grupo ou exercícios — evidentemente escolhidos de forma adequada a um grupo de pesquisa, e dentro dos propósitos desta — para aquecer os participantes, fazendo com que estes se voltem uns para os outros, e não para o moderador, que se percebam e atuem em busca da cooperação, e

já exprimindo suas diferenças ou concordâncias. Isso pode ser útil quando, por qualquer fator, se prevê ou se constata muita inibição nos membros do grupo em entabular conversa. O exercício a ser proposto deve ter seu conteúdo ligado ao problema em exame e não ser mera brincadeira ou joguinho.

Para exemplificar essa questão, citamos alguns exercícios que são comumente encontrados em trabalhos de pesquisa com grupos focais. Um deles se faz com o uso de cartões com uma série de afirmações relativas ao tema do grupo focal. Aos participantes se solicita que, coletivamente, distribuam os cartões, em função das afirmações neles constantes, em diferentes pilhas, conforme seu grau de concordância ou discordância em relação ao conteúdo das afirmações. Pode-se fazer, por exemplo, quatro pilhas (de "concorda-se muito" a "discorda-se totalmente"), ou três pilhas ("concordam", "discordam", "mais ou menos"), ou duas pilhas apenas. O grupo pode escolher sua escala de avaliação, ou o moderador pode sugerir-la. O processo de escolha e decisão deve ser bem observado e registrado, discutindo-se com o grupo, depois da atividade, o resultado.

Pode-se usar, também, um curto exercício de *role-playing*, ou um jogo de perguntas e respostas breves. Neste último caso, pode-se preparar cartas semelhantes às de baralho, com perguntas relativas ao tema, que possam ter respostas rápidas e curtas. As cartas são embaralhadas e distribuídas aos participantes, uma para cada um, ou cada participante pode retirar do maço sua carta. Cada participante proporá a questão recebida a outro participante de sua escolha, não podendo haver concentração só num deles. Nesse exercício, também pode-se propor que cada participante tire duas ou três cartas e escolha a



pergunta que vai fazer. Todos os participantes do grupo devem responder a, pelo menos, uma questão.

Enfim, os pesquisadores e moderadores poderão criar ou adaptar atividades desse tipo para propiciar a iniciação dos participantes no trabalho do grupo focal. Há pesquisadores que utilizaram esta modalidade de exercício, não para iniciar o grupo, mas como meio de verificar algumas de suas observações e interpretações quanto ao que surgiu, de fato, no trabalho grupal em relação ao tema visado. Nesse caso, as frases ou afirmações postas nos cartões ou nas cartas, em geral, são falas que foram expostas por integrantes do grupo durante a sessão, e essa atividade, com esse objetivo, é realizada como finalização do trabalho com o grupo.

#### 2.4 O moderador e as interações grupais

A questão das interações grupais, segundo o foco pretendido pela pesquisa, vem ocupando alguns pesquisadores experientes no trabalho com grupos focais, no sentido de chamar a atenção para algumas tendências de excessiva estruturação e operacionalização do trabalho com grupos dessa natureza. Com isso, pode-se comprometer o próprio fundamento de um grupo focal, que se justifica pela possibilidade de, mediante interações intragrupais desenvolvidas com certo grau de liberdade e gerando uma cultura grupal, obter-se compreensões mais aprofundadas sobre determinado tipo de problema. O excessivo controle das discussões por roteiros impostos numa certa seqüência, como uma tarefa a ser cumprida em etapas bem definidas, ou pelo encaminhamento do tipo entrevista coletiva, ou pela centralização quase total dos trabalhos no moderador,

acarreta conseqüências não desprezíveis sobre a busca de uma compreensão aprofundada do tema e suas possíveis teorizações. Em geral, o que se observa é que os dados de grupos conduzidos assim acabam sendo apenas observações superficiais, repetição de *slogans* ou de vagas idéias, que pouco auxiliam uma reflexão mais densa sobre a questão proposta. Além disso, a operacionalização excessiva do trabalho grupal prejudica a criação de uma rede interativa, gerando apenas um pingue-pongue entre participantes e moderador. Com isso, a evocação de aspectos mais ambíguos, mais contraditórios, mais diferenciados, mais tensos, menos consensuais ou menos usuais sobre o problema, não se processa, o que gera descrições superficiais e, na verdade, pouco esclarecedoras em relação ao tema em pauta. Essas descrições não fazem avançar o conhecimento, que é o que se pretende com uma pesquisa. Acaba-se repetindo o óbvio, sem que se tenha condição de avançar em relação ao senso comum ou ao já sabido.

Kitzinger (1994), em trabalho no qual discute a metodologia dos grupos focais e, particularmente, a importância da interação entre os participantes da pesquisa, considera como a característica distintiva do grupo focal, em relação à entrevista e ao questionário, justamente a interação que se propicia entre os participantes da pesquisa. A autora defende a idéia de que é essa interação que dá o diferencial aos grupos focais e que merece ser explorada no processo investigativo, porque o interesse não é somente "no que as pessoas pensam, mas em *como* pensam e *porque* pensam assim." (p. 104). A autora ressalta, ainda, a importância da diferença, ao enfatizar que o processo grupal desencadeado é vital para trazer elementos que provoquem novas reflexões sobre o

problema. Esse processo não se restringe a consensos ou às articulações das normas do grupo e suas experiências, mas abrange as diferenças entre os indivíduos, seus desentendimentos, desacordos, seus questionamentos mútuos, suas tentativas de persuadir para cooptar às suas idéias, suas dificuldades de compreensão mútua em relação ao que se diz. Essas diferenças merecem ter seu espaço e, segundo a autora, o moderador precisa encorajar os participantes a teorizarem sobre o porquê dessas diferenças. A autora acentua: "A diferença entre participantes também permite observar não só como as pessoas teorizam sobre seu próprio ponto de vista, como também a maneira como o fazem em relação a outras perspectivas e como põem suas próprias idéias 'para trabalhar'".

As interações no grupo e a diversidade que emerge levam a que as pessoas argumentem, expliquem sua idéia e forma de pensar. A atenção às trocas e aos encaminhamentos, para esclarecer raciocínios e pontos de vista, dão ao pesquisador a oportunidade de não trabalhar com presunções pessoais, assumindo que já sabe o significado de cada ponto de vista. Esse significado precisa ser buscado nos próprios sentidos que o participante do grupo construiu, pelo tipo de sustentação ou explanação que faz de seus pontos de vista. O pesquisador não pode assumir que ele tem a chave do sentido de uma opinião ou de uma idéia dos participantes. Estes é que têm de lhe oferecer a chave. Nesse sentido, é importante observar detalhada e cautelosamente o que os participantes contam uns aos outros, fatos, histórias e situações, porque esses relatos permitem ao pesquisador ter pistas de como eles se ancoram em um dado contexto social, de como estão mobilizados e em que sistema representacional se apóiam.

Destaca-se, então, que a utilização do grupo focal como meio de pesquisa tem peculiaridades que fazem esse uso diferir de seu emprego com outras finalidades e em outros contextos, como, por exemplo, na área de comunicação e *marketing*. É muito importante se ter isso claro, pois afeta o conjunto da coleta, das formas de condução do grupo focal e da procura de significados, que, na pesquisa, se apóia em teorizações e posteriores interpretações, cuja abrangência e propósitos são muito diferentes em relação a outros propósitos.

NUM. 070  
Pasta N